



DOSSIÊ: GEORGE ORWELL

Winston Smith, tradutor

Bruno Gambarotto¹
Universidade de São Paulo
bruno.gambarotto@gmail.com

Como citar este artigo: GAMBAROTTO, B. “Winston Smith, tradutor”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº13, pp. 43-58. 2022. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Resumo: Neste ensaio, desenvolvo reflexões sobre aspectos da atividade tradutoria a partir de alguns temas presentes na construção da personagem central do romance, Winston Smith, e seu trabalho no Ministério da Verdade. Dessa reflexão constam ideias relativas a natureza hermenêutica do ofício e à comunicabilidade como trânsito intelectual e afetivo, ambos postos em xeque sob o advento da Novilingua.

Palavras-chave: Orwell, George (1903-1950) - 1984 (romance) - teoria da tradução.

Winston Smith, translator

Abstract: In this essay, the author takes a look over aspects of translation activity through reflection on themes embedded in the making of Winston Smith, the major character of Orwell's *Nineteen Eighty Four*, and his role as a worker in the Ministry of Truth. Thus, the author grapples with ideas concerning the hermeneutics of translation and the amalgamation of affective, political and intellectual issues regarding translation, all of them put into jeopardy in the novel under the advent of Newspeak language.

Keywords: Orwell, George (1903-1950). *Nineteen Eighty Four* (novel). Theory of translation

¹ Tradutor literário e técnico. Doutor pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Publicou em 2021 as traduções de *1984* (Biblioteca Azul) e *A fazenda dos animais* (Grua Livros).

“Você não reconhece o verdadeiro valor da novilíngua, Winston”, disse ele [Syme] com tristeza. “Mesmo quando escreve, você ainda pensa em velhalíngua. Li alguns desses artigos que você publica de vez em quando no *Times*. São bons, mas são traduções. Em seu coração, você prefere se agarrar à velhalíngua, a toda a sua vaguidade, a suas nuances inúteis de sentido. Você não capta a beleza da destruição das palavras. Sabia que a novilíngua é a única língua no mundo cujo vocabulário fica menor todo ano?” (ORWELL, 2021, p.75).

Em 1984, o ofício de traduzir integra o conjunto de saberes e afetos sem os quais a utopia libertária é impossível. Pode parecer arrogância de tradutor, mas o romance nos leva a uma tal constatação – a mim, pelo menos. Em meio ao périplo de horrores vividos por Winston Smith, de sua acanhada revolta, movida a ideias confusas e um amor tímido, ao esmagamento brutal e desproporcional de sua humanidade, talvez seja interessante lembrar que Winston, dadas as exigências de seu trabalho no Ministério da Verdade, exercia em importantes momentos o ofício de tradutor em um mundo no qual a língua ocupa lugar estratégico na gestão e manutenção do poder. Ao nos descrever seu trabalho em uma das incontáveis engrenagens do paquidérmico ministério destinado ao condicionamento e domínio absoluto da consciência – *fenômeno* que ainda constituía, em uma fortitude quase biológica, bastião final da resistência à consolidação do poder da elite do Partido Interior em Oceânia –, Winston evidencia que o trabalho com a produção da verdade (mentira) é, em sua concretude, textual. Dizê-lo parece uma banalidade: a denúncia do processo de reescrita constante dos arquivos de Oceânia e o aparato de repressão e vigilância brutais que o acompanha deveriam vetar o comentário sobre as pequenezas da barbárie maior; no entanto, todo o trabalho exaustivo de controle imposto às massas que compunham o Partido Exterior e o proletariado incide sobre uma normativização comportamentalista de diferentes níveis de expressão e linguagem manifestados pelos integrantes dessa sociedade. A ver ainda pelo apêndice que integra a obra dedicado exclusivamente à novilíngua, não é possível dizer que a *linguagem* seja tema secundário na narrativa.

Em um contexto em que a novilíngua tinha o propósito de “não apenas fornecer um meio de expressão adequado à visão de mundo e hábitos

mentais próprios dos partidários do Socing, mas impossibilitar quaisquer outros modos de pensamento”, segundo se lê no mesmo “Apêndice” (ORWELL, 2021, p.370), o comentário de Syme citado acima – a exemplo de outros que marcam essa curiosa e suspeita personagem – é digno de apreensão. A questão não é que Winston se valha mal da novilíngua, mas que a proficiência – como qualificá-la? Veladamente afetiva? – do novo código denuncia a fidelidade do protagonista a hábitos mentais passadistas, inadequados, reprováveis. Porém, o termo tradução, tal como aplicado por Syme, aparece em contexto particularmente problemático, uma vez que em tudo sugere uma prática em contradição com os termos tradicionais do ofício: o pressuposto autoritário de hierarquização de códigos em que a alteridade dá lugar ao virtual projeto de apagamento da diferença elimina o trânsito e as negociações horizontais entre línguas e inviabilizam o ato de tradução, que no limite pertence, ele mesmo, a um *modus operandi* da própria velhalíngua que a novilíngua totalitária pretende suprimir. Daí que, ao referir-se a uma noção, mesmo que distorcida, de “tradução”, Syme *também* incorre na má conduta denunciada no colega – o que, por sua vez, não surpreenderia o atento Winston, à medida que seu entusiasmo elaborado (“De uma forma intelectual, Syme era venenosamente ortodoxo”) (ORWELL, 2021,p.72) e a dedicação apaixonada (““É lindo destruir palavras.””) (ORWELL, 2021,p.74) à décima primeira edição do *Dicionário da Novilíngua*, não significam, como Winston bem e acertadamente compreende, salvaguarda aos olhos do regime. “Havia algo sutilmente errado com Syme. Faltava-lhe algo: discrição, reserva, uma espécie de idiotia salvadora” – (ORWELL, 2021,p.78-79) um acanhamento temeroso, em suma, presente no uso da novilíngua por Winston e que o torna, em seu ostensivo embotamento, mais proficiente em seu uso do que Syme, que anseia pela *perfeição* da novilíngua:

“A revolução será completa quando a língua for perfeita. A novilíngua é o Socing, e o Socing é a novilíngua”, acrescentou ele com uma espécie de satisfação mística. “Já ocorreu a você, Winston, que no mais tardar por volta de 2050 não haverá ser humano vivo capaz de compreender uma conversa como a que estamos tendo agora?” (ORWELL, 2021,p.76).

Não existe algo como a “perfeição” da novilíngua. Existe, sim, o torniquete perverso, a língua torturada que a constrangida escrita de segunda

mão de Winston trai, e Syme captura; porém, a evidência da expressão acuada, do medo a cada versão, é mais eficaz enquanto critério de bom uso daquilo que visa à destruição do que a destruição propriamente dita – o escombros, a pura aniquilação levada a cabo. O Partido Interno é, a exemplo da ponta dirigente de qualquer sistema fundado no autoritarismo hierárquico, *parasitário* e depende integralmente do hospedeiro; a novilíngua, como sua forma de expressão por excelência, o acompanha. A crítica de Syme é, portanto, injustificada, senão contrária ao próprio vazio que seu trabalho de linguista a serviço da novilíngua propõe, ao passo que a perfeição do trabalho de Winston está justamente na mimetização da violência que a novilíngua, em contato com a velhalíngua e seus modos de pensamento, encerra. A humanidade acossada da escrita em novilíngua de Winston contrasta com a novilíngua que Syme celebra como vanguarda da destruição do pensamento. “A ortodoxia significa não pensar – não ter necessidade de pensar. Ortodoxia é inconsciência”, (ORWELL, 2021,p.77) exorta Syme *excessivamente consciente* de seus processos. Não por menos, confirmando as hipóteses de Winston, Syme logo será “vaporizado”.

A novilíngua é, em tudo, o fim da tradução. Em seu *expurgo simbólico* (lexical, ao qual concorre a distorção do instrumental morfossintático da língua), ela deriva de um processo de limitação brutal dos movimentos dialógicos de compreensão e interpretação, de nomeação e diferenciação, de reconhecimento da alteridade e reconfiguração do próprio. De forma em nada diversa dos ferozes espetáculos de enforcamento de prisioneiros de guerra – o *estrangeiro* – aos quais acorriam multidões, a diferença se esmaga em nome da unidade imposta de cima: as torres dos quatro ministérios que se elevam aos céus sobre a cidade em ruínas pretendem-se Babeis da boçalidade unitária e sua massificação atroz – em um movimento regressivo, à fraternidade que a “confusão das línguas” do símile bíblico instaura como projeto ético, não mais um simples dado da natureza” (RICOEUR, 2012, p.43), sucede a mobilização e instrumentalização selvagem dos afetos sob a voz do comando. Pode-se descrever a intervenção linguística sobre duas frentes: de um lado, o mapeamento e racionalização de campos lexicais (por fim, divididos em três grupos de palavras) mediante a invenção ou eleição de palavras que permitam o apagamento de sinonímias e antonímias (fundamentais aos diferentes modos

de dizer que instauram os processos interpretativos e a busca das “equivalências sem adequação”, paradoxo do entrelínguas em que habita o tradutor), bem como de acepções pontuais; do outro, o enxugamento e normalização de padrões morfológicos a partir do uso de sufixos nominais e verbais a serviço dessa reconfiguração lexical. No contexto do inglês, a construção da novilíngua implica uma particular brutalidade imposta a determinados padrões fonéticos presentes na irregularidade da formação dos radicais verbais (cujas traduções para o português, a propósito, cria certas dificuldades, uma vez que nesse sentido se trata de língua bastante regular), e uma normalização morfológica muito acentuada (igualmente estranha à estabilidade que o tradutor de língua latina encontra em seu sistema linguístico). Syme explica e ilustra em detalhe esses processos:

Claro que a grande devastação incide em verbos e adjetivos, mas também existem centenas de substantivos absolutamente descartáveis. Não são apenas os sinônimos; existem também os antônimos. Afinal, como se justifica a existência de uma palavra que é somente o oposto de outra? Uma palavra traz em si mesma seu oposto. A palavra “bom”, por exemplo. Se você tem a palavra “bom”, qual é o sentido da palavra “ruim”? “Desbom” serve perfeitamente bem, porque é o exato oposto, o que a outra não é. Ou ainda, se você quer dar mais ênfase à ideia de “bom”, por que ter todo um conjunto de palavras vagas e inúteis como “excelente” e “esplêndido” e todo o resto delas? “Plusbom” dá conta do sentido, ou “dupliplusbom”, se você quer dar ainda mais ênfase. Claro que ainda usamos aquelas formas, mas na versão final da novilíngua elas já não existirão mais. (ORWELL, 2021, p.74-75).

Syme aborda a questão sob viés abstrato; a concreção da novilíngua só existirá nesse trabalho brutal de “tradução” em que o texto de chegada corresponde, antes de tudo, à *eliminação do outro, do estrangeiro* – do “texto de partida”. O trabalho de destruição depende, de um lado, do estabelecimento da censura pura e simples, interiorizada pelo *criminibir* e tipificada pelo *crimepensar*, e, do outro, de um forte condicionamento cognitivo, capaz de explicar, à medida que Winston, como veremos, a princípio fracassa em sua reprodução, o que torna o protagonista minimamente apto a compreender o horror de sua condição e dar-lhe expressão em linguagem. Note-se que, antes de abrir a primeira entrada do diário, Winston sente-se impedido diante de um termo da novilíngua: *duplipensar*. Diferentemente dos demais, o conceito exige explicação mais detalhada: “chamado, de forma curta e clara, ‘controle da realidade’”,

significa, segundo o livro de Goldstein, “o poder de conservar simultaneamente no pensamento duas crenças contraditórias e aceitá-las sem prejuízo uma da outra” –, ou ainda a possibilidade de aceitar determinada proposição sem que sua evidente negação pelos sentidos, pelo senso comum ou pela memória configure sua invalidação. O melhor exemplo do duplipensar será a afirmação “ $2+2=5$ ”, que uma vez determinada pelo Partido Interno não permite ser questionada pelo fato matemático de que dois mais dois são quatro. A humanidade de Winston reside na incapacidade de praticar plenamente o duplipensar; e uma vez incapaz de fazê-lo, Winston consegue observar – e traduzir, como acidentalmente observa Syme – com distanciamento o *abuso* que é a quintessência da novilíngua. Para Winston, a leitura e uso da novilíngua como sistema conhece tradução naquilo que ela de fato representa como forma linguística; e como intérprete perplexo dos enunciados vazios do jargão imposto pelo grupo no poder, é capaz de conservar sua humanidade. Há uma curiosa simetria entre o episódio inaugural da escrita do diário, (ORWELL, 2021, p.22-24) que estanca por um instante diante da ideia de *duplipensar* – como, afinal, produzir enunciados passíveis de confirmação pela experiência individual? O simples pensamento no conceito barrava todo o projeto de escrita – e o exemplo que o apêndice traz de necessidade de “tradução ideológica” de textos pré-revolucionários à novilíngua do Socing. “Teria sido totalmente impossível traduzir isso [o início da Declaração da Independência norte-americana] em novilíngua conservando o sentido do original. O mais próximo que se poderia chegar de fazê-lo seria apagar toda a passagem sob uma única palavra: *crimepensar*.” (ORWELL, 2021, p.383). Assim como se pode dizer que a novilíngua é a antítese do pensamento que se possa autodeclarar livre, a decisão de Winston de iniciar a escrita de um diário à margem da repressão expressiva e ideológica equivale a um declaração da independência discursiva ante um autoritarismo cuja face linguística (isso vale imensamente para Winston, como veremos) não era pouco interiorizada; e assim como a novilíngua destrói pactos, consensos e equivalências – o jogo político da linguagem – sob a sola de seu coturno, a velhalíngua e as possibilidades de trânsito deliberado por códigos – princípio tradutório – mantêm-se como elemento chave de resistência e alteridade.

O problema da interiorização *precária* dos processos de autocensura inerentes à novilíngua e à ideologia de estado, bem como um esforço de libertação, marcam o percurso do protagonista de Orwell. À luz da extensa fortuna crítica dedicada ao romance, estruturada pelo próprio autor ao destacar as duas frentes da formação híbrida do romance – 1984, dirá Orwell, é “em certo sentido, uma fantasia, mas na forma de um romance naturalista” –, o percurso interior de Winston corresponde não só em grande medida ao segundo termo da descrição, como certamente está entre os elementos a que o autor se referia quando pensava na “dificuldade da tarefa” de escrevê-lo.² É fato que a caracterização de Winston é tributária do que cabe à esfera da “fantasia”, não pela simples caracterização de um servidor público médio em um futuro resultante de uma dramática piora das condições civilizatórias da humanidade, mas principalmente por se dirigir ao presente e se prestar a uma crítica de certo tipo de intelectual. Bernard Crick cita o interesse de Orwell de sublinhar a tibieza subalterna dos intelectuais – ora cooptados pelo esforço totalitário, ora demasiadamente fracos e temerosos de um enfrentamento mais contundente do regime –, ao enumerar os principais elementos de realidade presentes na composição da sátira de corte swiftiano pretendida pelo autor.³

² “Trata-se de um romance sobre o futuro — ou seja, em certo sentido é uma fantasia, mas na forma de um romance naturalista. É isso o que dificulta a tarefa — claro que, como livro de previsões, seria relativamente simples de escrever.”

³ A partir da sátira swiftiana, com seu viés político e seu apelo ao absurdo, o autor constrói o espaço, as caracterizações e o contexto interno das ações dos protagonistas, aos quais concorre um grande saldo da catástrofe civilizacional do mundo pós-Guerras: (i) a formação dos três superestados hipermilitarizados (Oceânia, com a zona de influência centrada nos Estados Unidos; Lestásia, englobando Europa Ocidental e Rússia; Eurásia, equivalente de Ásia e Oceania) parodia a Conferência de Teerã (1943), em que se prenuncia a divisão do mundo pós-guerra em zonas grandes de influência dominadas pelo consórcio capitalista anglo-americano e o comunismo soviético (tese à qual concorre uma perspectiva da prevalência do poder estatal sobre o econômico tanto no modelo de estado capitalista quanto no modelo comunista; de resto, vale lembrar que Orwell é o autor da expressão “guerra fria”, cunhada no ensaio “Você e a Bomba Atômica”, de 1945); (ii) Os usos nefastos dos meios de comunicação de massa, fundamentais para a dominação e a vigilância social, bem como para sua reprodução enquanto lúmpen; (iii) O projeto de controle da informação a partir de um centro de censura e constante reformulação do passado a partir das necessidades do grupo no poder (derivada da experiência soviética do apagamento documental de figuras como Trótski e Bukharin), à qual concorre a criação da novilíngua; (iv) A tibieza subalterna dos intelectuais, ora cooptados pelo esforço totalitário (vide o caso de Syme, o linguista), ora demasiadamente fracos e temerosos de um enfrentamento mais contundente do regime (caso do protagonista, Winston Smith); (v) O cinismo e desumanidade dos donos do poder, o chamado Partido Interno. Cf. CRICK, Bernard. “*Nineteen Eighty-Four: context and controversy*”. Em: RODDEN, John (ed.). *The Cambridge Companion to George Orwell*. Cambridge, New York, Melbourne, Madrid, Cape Town, Singapore, São Paulo: Cambridge University Press, 2007, pp. 146-159, p. 147.

No entanto, juntamente com a contrapartida dessa fraqueza subserviente – o exercício cínico do poder, o amor do “poder pelo poder”, tal como exposto no membro do Partido Interno O’Brien –, a face humana da fantasia futurista de Orwell é, talvez, a menos afetada pelas distorções próprias à construção distópica – exceto pelo fato de o romancista buscar uma perspectiva psicológica adequada ao universo de brutalidade representado. É nela, mais do que nos exercícios de prestigitação, que incide o interesse do romance; é nela, por fim, que se localiza esse ponto em que tradução – como “transferência de uma mensagem verbal de uma língua em uma outra”, mas sobretudo, no que toca ao romance, “como sinônimo da interpretação de todo conjunto significativo no interior da mesma comunidade linguística” – (RICOUER, 2012, p.33) e ação política se tocam, e assinalam-se os obstáculos impostos pela barbárie antipolítica que tornam esse romance ainda relevante ao entendimento da quadra histórica – feita de “fatos alternativos”, violência contra grupos minorizados, a mobilização de massas em torno de noções obscurantistas e pseudocientíficas e a produção de afetos (basicamente, ódio) contra inimigos imaginários – em que vivemos.

“Se, no mundo de 1984, fosse possível mostrar um personagem humano em qualquer situação que se assemelhasse a uma liberdade genuína, em seu jogo de caprichos e desejos espontâneos – não seria o mundo de 1984. Assim, a reclamação de que os personagens de Orwell parecem muito tênues comprova, de maneira levemente obtusa, a força do livro, pois é uma reclamação que se dirige não à sua técnica, mas a seus pressupostos básicos”, escreve, parece-me que com justiça, Irving Howe. (ORWELL, 2019, p.200) Winston é uma personagem de pensamento simplório: diante de todo o aparato condicionante que mobiliza as capacidades cognitivas dos indivíduos dessa sociedade às mais básicas necessidades de reprodução social, a fragilíssima formulação de suas próprias inquietudes e o curto e imperfeito percurso de tomada de consciência não é menos que um milagre. O próprio primeiro passo subversivo, com o início do diário, mostra o espaço exíguo, para não dizer um tanto risível, a que se limita a subjetividade e o autoentendimento. O primeiro livro da divisão tripartite de *1984* é dedicado a uma espécie de estado da questão: trata das linhas gerais da vida de Winston e

sua decisão de “escrever ao futuro” (em que se nota, talvez, uma marca autoirônica, uma gota de amargor de Orwell vislumbrando a própria posteridade), aos pormenores de seu trabalho no ministério, a suas opiniões sobre personagens de seu convívio imediato – a família Parsons e os funcionários Syme, Ampleforth e Tillotson – e os dois misteriosos vultos que dominam seus pensamentos e ganharão substância nos demais livros do romance, Julia e O’Brien. A abertura do diário não deixa de ter um quê duplamente patético, seja pelo nervosismo que a escrita em fluxo de consciência denuncia, seja pelo que há de irrefletido (e, portanto, naturalizado) nas “bobagens” (ORWELL, 2021, p.24) que vêm à tona. No corriqueiro relato do “cineminha” (em todo o romance, aliás, a única entrada de fato sugestiva de um diário a ser escrita por Winston, depois dedicado a breves memórias e reflexões sobre as palavras de ordem impostas pelo estado), lemos um quadro do quanto Winston à princípio reproduz e confirma os valores dessa sociedade, seja na brutalidade de sua ideologia militarista –

Cineminha na noite passada. Só filme de guerra. Um filme *muito bom*, de um navio cheio de refugiados bombardeado em algum lugar do Mediterrâneo. [...] depois houve uma *tomada maravilhosa* o braço de uma criança subindo alto alto alto um helicóptero com uma câmera deve ter acompanhado o braço subir [...]

– seja no endosso da hierarquia social e na (contraditória) desqualificação da manifestação de dissidência –

[...] e das cadeiras do Partido se ouviram muitos aplausos exceto por uma mulher do setor dos proletas que de repente começou uma baita confusão e ela gritava que eles não deviam mostrar aquilo não na frente das crianças aquilo não era certo não na frente das crianças não era até que a polícia tirou tirou a proleta dali *eu não acho que aconteceu com ela alguma coisa ninguém liga pro que os proletas falam foi uma reação bem de proleta eles nunca...* (ORWELL, 2021, p.23-24, grifos meus).

Sobre o problema da evidente contradição entre a manifestação indignada da proleta e a opinião de Winston sobre a mesma em meio a sua decisão subversiva de escrever o diário, quero voltar adiante. Por ora, destaco a distante entre a “reação bem de proleta” (“*typical prole reaction*”, expressão para qual se poderia recorrer igualmente a uma versão mais pernóstica, “típica reação proleta”) do cronista e a entrada de tons utópicos “Se existe esperança [...], ela está nos proletas”, que abre o sétimo e penúltimo capítulo da primeira parte, Winston vai praticamente de um polo a outro do espectro político

possível – o que reflete ganhos de liberdade e distanciamento crítico-interpretativo, ainda que imperfeito, dos processos de condicionamento intelectual (fundamentais para o reconhecimento e afirmação da alteridade), mas, como veremos, pouco sai do lugar. O duplipensar se faz bastante presente nesses primeiros capítulos, para não dizer no próprio testemunho da vida cotidiana da capital da Oceânia: à medida que o condicionamento implica, entre outras coisas, a autonegação da percepção como substituto da impossibilidade do apagamento sumário da memória, poderíamos colocar em perspectiva as fortes valorações do trecho que abre o diário – sendo o “filme bom”, portanto, um “filme ruim”, e a cena em que a criança é mutilada não exatamente “maravilhosa”, mas “horrenda”; do mesmo modo, a excitação reproduzida nas repetições poderia perfeitamente vir eivada de pavor, assim como a certeza de que *algo se passou* com a mulher retirada da sala. Não seria estranho, uma vez que algumas de reações de Winston nos são apresentadas nesses inícios com sinal trocado – caso de sua atração pela jovem de cintura fina e uniforme da organização voltada à abstenção sexual, Julia, que posteriormente se tornará sua amante:

Ele não sabia seu nome, mas sabia que trabalhava no Departamento de Ficção. [...] Uma faixa estreita e vermelha, emblema da Juventude Antissexo, cingia em muitas voltas a cintura de seu macacão, apertada de modo que se ressaltavam as curvas de seu quadril. Winston sentira por ela repulsa à primeira vista. (ORWELL, 2021, p.25)

“Repulsa à primeira vista” é uma expressão talvez mais marcada do que o “*Winston had disliked her from the very first moment of seeing her*” do original. Ao sugerir implicitamente no sintagma fechado “à primeira vista” a *paixão*, a cuja expressão geralmente é convocado, pretendeu-se expor de forma sintética a estrutura mais ampla dos sentimentos do protagonista, aos quais a contradição e a irreflexão se impõem a todo o momento, bastante claros também, quando acompanhamos com o narrador o olhar de Winston, na ênfase aos “repulsivos” pormenores plásticos da silhueta de Julia. Levando-se em conta que é recurso do condicionamento duplipensante a justaposição brutal de opostos – como nos lemas “liberdade é escravidão”, “guerra é paz”, “ignorância é força” e na agourenta canção “Sob a castanheira em flor” transmitida pelas teletelas (Nós juramos nos trair/ Todo mundo vai cair/ Sob o castanheiro em flor) (ORWELL, 2021, p.106), paródia de uma conhecida cantiga

infantil (“Sob o castanheiro em flor/Sentamo-nos eu e você/Mais feliz não posso ser/Sob o castanheiro em flor”) –, a opção assinala a opressão introjetada de que Winston parte em seu percurso de tomada de consciência. Esta se torna objeto de reflexão do protagonista em seu primeiro confronto com a figura do Grande Irmão:

Ele pegou o livro de história para crianças e olhou para o retrato do Grande Irmão que formava o frontispício. Os olhos hipnóticos fitavam os seus. Era como se uma enorme força se abatesse sobre você e o esmagasse – algo que lhe penetrava o crânio, golpeava o cérebro, fazia com que abandonasse em pânico suas crenças e praticamente o convencia a negar a evidência de seus próprios sentidos. Por fim, o Partido anunciava que dois mais dois eram cinco, e era preciso acreditar. Era inevitável que eles fizessem essa afirmação mais cedo ou mais tarde: a lógica de sua posição o exigia. Não apenas a validade da experiência, como a própria existência de uma realidade objetiva era tacitamente negada pela filosofia do Partido. A heresia das heresias era o senso-comum. E mais aterrorizante do que o matarem por pensar de outra forma era que eles pudessem estar certos. Pois, afinal, como sabemos que dois mais dois são quatro? Ou que a força da gravidade funciona? Ou que o passado é imutável? Se o mundo passado e o mundo exterior existem apenas na mente, e a própria mente é controlável – o que acontece, então? (ORWELL, 2021, p.109)

É significativo que a passagem em que Winston se mostra capaz de afirmar o senso comum (“Liberdade é a liberdade de dizer que dois mais dois são quatro. Se ela é reconhecida, todo o resto a acompanha”) (ORWELL, 2021, p.110) é seguida do grande quiprocó tradutório diante do que para Winston tornava-se a grande esperança de transformação, os proletas. Se, por um lado, o protagonista se tornara capaz de descrever em detalhe o efeito nefasto suscitado pela figura do Grande Irmão como obstáculo à afirmação do próprio arbítrio e experiência, sua tentativa de aproximar-se daqueles que, por sua exclusão máxima, haviam supostamente conservado alguma liberdade ante o Partido Interno, revela-se um fragoroso fracasso. A desconexão não poderia ser maior: manifesta-se na clivagem dos registros linguísticos, de um lado, e na incapacidade de Winston de captar o sentido da conversação, na qual os proletas entrevistados lhe respondem de fato as perguntas: se a questão era saber se a cartilha infantil dizia a verdade, e as cartolas era parte do “uniforme” dos capitalistas, a resposta nostálgica do trabalhador sobre a última vez em que *ele próprio* havia usado o chapéu – durante o enterro da cunhada, como parte de um traje alugado – bastava para trazer complicações à tese do material didático

do Partido Interior; porém, o que toda a passagem (que não deixa de ter seu humor) demonstra é a limitação comunicativa e interpretativa de Winston, que, se por um lado, é capaz de identificar a brutalidade da novilíngua, por outro, no mergulho em registros de comunicação mais espontâneos, em que a alteridade solicitada exige um desprendimento de modos de classe, não é capaz de responder à altura. Winston não consegue traduzir a linguagem de sua esperança, bem como não tem – a ver pela cena no cinema – olhos para ver o peso de sua manifestação política. Sob o viés de seus arraigados preconceitos de classe, a luta de Winston pelo senso comum e seu eventual populismo⁴ trai a inconsistência ideológica que sua figura satiriza; por outro lado, sua descida aos infernos da tortura permite-nos ver a que visa um projeto de poder que tem um de seus pilares na interdição da linguagem.

“Você acredita em Deus, Winston?”

“Não.”

“Então o que é isso, esse princípio que vai nos derrotar?”

“Eu não sei. O espírito do Homem.”

“E você se considera um homem?”

“Me considero.”

“Se você é um homem, Winston, você é o último homem. Sua espécie está extinta; nós somos os sucessores. Você entende que você está *sozinho*? Você está fora da história, você é um desexistente.” (ORWELL, 2021, p.335-336)

Capaz de reconhecer a brutalidade dos mecanismos de controle social e da linguagem, mas não de comunicar-se e fazer-se entender em relação àqueles em quem reconhece uma força abstrata que nada mais é do que potência tributária de ideias etéreas, não do contato e do conhecimento concretos, a resistência em Winston recai em um discurso humanista que só sublinha os extremos de sua fragilidade diante do inimigo que combatia – afinal, a fé inabalável no amor e no espírito derivavam da impossibilidade de pensar uma resistência em termos materiais. A dificuldade de entendimento com as últimas testemunhas de um mundo perdido no bairro dos proletas participa em alguma

⁴ “Os pássaros cantavam, os proles cantavam, o Partido não cantava. Em todo o mundo, em Londres e Nova York, na África e no Brasil, e nas misteriosas terras proibidas além das fronteiras, nas ruas de Paris e Berlim, nos vilarejos da interminável planície russa, nos bazares da China e do Japão – em toda parte estava aquela mesma figura sólida e invencível, a qual trabalho e gravidez imprimiam formas monstruosas, entregue à lida desde o nascimento até a hora de morrer, e ainda cantando. daquelas ancas poderosas, uma raça de seres conscientes haverá de surgir um dia. Winston e Julia eram os mortos; o futuro pertencia a ela e aos seus. Mas eles poderiam compartilhar daquele futuro se mantivessem a mente viva tal como conservavam os corpos e transmitissem a doutrina secreta de que dois mais dois eram quatro.” (ORWELL, 2021, pp. 278-279).

medida da leitura do livro proibido de Goldstein – *A teoria e a prática do coletivismo oligárquico* – que ocupa os capítulos finais do Livro 2 e não chega a se completar. Entrelaçado na cama com a sonolenta Julia e demasiado atento às agradáveis circunstâncias da leitura, o “conforto e segurança”, a “felicidade infinita” e a “eternidade” (ORWELL, 2021, p.235) experimentadas no esconderijo no quarto da loja do sr. Charrington, para perceber o perigo iminente, Winston aborda a leitura pouco metódica dos capítulos dedicados a uma descrição alentada da organização geopolítica e social do mundo totalitarista como uma possibilidade de chegar à verdade do mundo em que vive, como se a escrita pudesse refratá-lo como um espelho. Porém

Ele ainda não havia descoberto o segredo final, refletiu. Havia compreendido o *como*; não havia compreendido o *porquê*. O primeiro capítulo, como ocorrera no terceiro, não lhe havia dito, em verdade, nada que não soubesse; apenas sistematizava o conhecimento que já tinha. Mas depois de lê-lo soube melhor do que antes que não estava louco. Estar em minoria, ainda que a dita minoria fosse composta unicamente de si, não deixava ninguém maluco. Há verdade e inverdade, e apegar-se à verdade, ainda que contra o mundo inteiro, não o tornava louco. Um raio amarelo do poente entrava obliquamente pela janela e se deitava sobre o travesseiro. [...] (ORWELL, 2021, 273)

A frustração com a obra de Goldstein é compensada pela autoaceitação, o que no contexto não deixa de ser uma postura problemática: o autocentramento satisfeito, o reconhecimento da fraternidade em pensamento e a aceitação de si como senhor da própria razão em face de um mundo que o poderia tratar como louco não parecem à altura das circunstâncias, quando o mundo em questão tem maneiras nada humanistas de compreender a diferença. Há todo um mundo sensível – o calor do corpo de Julia, o som da voz da lavadeira, o sol entrando pela janela – que Winston conquista à brutalidade dos condicionamentos exigidos a um membro do Partido Exterior; recobrada a sensibilidade, o protagonista vê-se aberto ao outro, e a capacidade de depreender a alteridade e reconfigurá-la em seu corpo e mente – nos sentidos e na linguagem que lhe são próprios – lhe oferece uma perspectiva bucólica da aceitação da relação com o outro e o entendimento de si mesmo que definem a “prova do estrangeiro”, esteio ético de um traduzir ciente de seus processos de encontro e hospitalidade em face do estranho. Como *tradutor* fiel a si, Winston parece por um instante perder de vista os confrontos que o

aguardam – afinal, se “os pássaros cantavam [e] os proletas cantavam, o Partido não cantava”. (ORWELL, 2021, p.278)

O confronto entre o humanismo do tradutor e a cínica máquina de desumanização do Partido Interno traz à baila o que Orwell pensava em termos do grande embate entre o indivíduo, em sua capacidade de discernimento e associação democrática, e o estado em sua realização totalitária. Nesse sentido, as palavras de O’Brien – “Sua espécie está extinta; nós somos os sucessores. Você entende que você está *sozinho*? Você está fora da história” – vêm carregadas de uma solidez que o ingênuo Winston jamais será capaz de sustentar. A imagem de um Winston que a tortura reduziu a pele e ossos, deformidade estranha a si mesmo, em nada dessemelhante ao que com o fim da Segunda Guerra se revela à medida que chegam as Forças Aliadas aos campos de concentração nazistas, aproxima o protagonista de um retrato mais fidedigno *daquilo* que constituía o ponto de partida do empenho humanizador. A crueldade da cena beira o insuportável: o “último homem” – um morto-vivo, um *Muselmann*, no jargão do *Lager* nazista –⁵ é exposto, antes de tudo, ao horror do reconhecimento, de saber-se *ainda* homem no limiar de seu desaparecimento. O homem que ama, sente e rememora – o indivíduo dotado de subjetividade e arbítrio, o “representante do espírito humano” só pode conhecer as formas da maior abjeção sob o poder o Grande Irmão – e, dessa

⁵ “Prossiga”, disse O’Brien. “Fique entre as faces do espelho. Você precisa ter também a perspectiva lateral”.

Ele parou por ter sentido medo. Vinha em sua direção um ser curvado e de pele acinzentada, não muito diferente de um esqueleto. Era sua aparência em si que de fato se mostrava assustadora, e não apenas o fato de se tratar de si próprio. Ele se aproximou do espelho. O abaulamento do corpo fazia com que o rosto da criatura parecesse projetado à frente. Era um rosto que lembrava o de um prisioneiro esmagado, com uma testa elegante que corria de encontro a uma cabeça calva, um nariz aquilino e as maçãs do rosto matratadas, acima das quais brilhavam olhos ferozes e atentos. As bochechas mostravam-se enrugadas, e a boca tinha um aspecto retraído. Não tinha dúvida de era seu próprio rosto, mas parecia-lhe mais mudado do que o que carregava dentro de si. As emoções que ele registrava eram diferentes das que ele sentia. Ele estava parcialmente careca. Num primeiro momento, pensou que também havia ficado grisalho, mas era apenas o tom cinza do couro cabeludo. Exceto por suas mãos e um círculo em seu rosto, seu corpo estava inteiramente cinza, coberto de uma sujeira antiga e encrustada. Aqui e ali, sob a sujeira, havia cicatrizes vermelhas de feridas e, perto do tornozelo, a úlcera varicosa era uma massa inflamada com escamas de pele descascando. Mas o que era realmente assustador era o emaciamento de seu corpo. A caixa torácica estava tão estreita quanto a de um esqueleto; as pernas haviam encolhido, de modo que os joelhos estavam mais grossos do que as coxas. Ele entendeu então o que O’Brien quisera dizer sobre ter a perspectiva lateral. A curvatura da espinha era assombrosa. Os ombros magros estavam abaulados para a frente, de modo a formar uma cavidade no peito; e o pescoço magro parecia dobrar-se sob o peso do crânio. Se precisasse adivinhar, diria que era o corpo de um homem de sessenta anos, sofrendo de alguma doença maligna. (ORWELL, 2021, p.337).

forma, a deformação absoluta que Winston tem diante de si, no espelho, é *a realidade final* em face de um poder que não conhece resistência. De frente ao espelho, o que há é a realização máxima de suas potencialidades enquanto humano (“Se você é humano, isso é a humanidade”) (ORWELL, 2021, p.338) antes do escárnio que, ao custo de lhe fazer recobrar a saúde, apenas antecipa o passo final da *desexistência*, a destituição pelo medo de qualquer singularidade que ainda resista no último reconhecimento de alteridade mediado pelo amor, Julia.

“Vamos nos encontrar no lugar onde a escuridão não existe”: (ORWELL, 2021, p. 42-43 e p. 306) o mote que surge a Winston em um antigo sonho associado a O’Brien e sugere, por fim, durante a tortura, uma vez pronunciado pelo torturador, que o protagonista era vítima, da parte do agente do Partido Interior, de uma perseguição sistemática estendida por anos,⁶ tocava diretamente o coração da linguagem. A princípio, a escuridão surge como marca da memória de Winston. Nela, estão mergulhadas mãe e irmã, associadas ao silêncio e indeterminação que cercam sua vida em tempo anterior à ascensão do Partido ao poder; a seu escrutínio, o protagonista dedicará longos momentos de reflexão, que ganham consequência à medida que se rompem as amarras do crimepensar e do duplipensar e o relacionamento afetivo com Julia se adensa. Desfazer-se da escuridão, como pretendia, é, da parte de Winston, recobrar o sentido perdido da existência, dar-lhe forma, trazê-la à luz. Para O’Brien, por sua vez, o fim da escuridão começa pelo fato literal de as luzes das salas de tortura e aprisionamento do Ministério do Amor jamais serem desligadas. É sob as lâmpadas elétricas que iluminam o horror que o Partido subtrai a Winston a capacidade de reconhecer, aceitar e negociar contradições por seu próprio arbítrio e estabelecer com o outro esses momentos de iluminação e entendimento que sucedem a escuridão do sentido que ainda não constituiu, do contato ainda à espera do consenso na alteridade.

Domesticado em sua diferença, subsumido à racionalização massificadora movida pelo estado, Winston reduz-se a autômato dos estímulos movidos pela

⁶ “Não se preocupe, Winston; você está sob minha guarda. Por sete anos, cuidei de você. Agora chegou o ponto de viragem. Vou salvá-lo, vou torná-lo perfeito.” Ele não sabia dizer se era ou não a voz de O’Brien; mas era a mesma voz que lhe disse, ‘Vamos nos encontrar no lugar onde a escuridão não existe’, naquele outro sonho, sete anos antes.” (ORWELL, 2021, p. 306).

propaganda oficial. Para ele, a arbitrariedade do signo deixa de existir como índice da racionalidade e base para a construção política do sentido em coletividade(s), sejam elas nacionais ou internacionais; como código motivado, a novíngua é a arbitrariedade da imposição inegociável da vontade de poucos a instituir o conformismo do idêntico. Antes de conhecer a bala na nuca reservada a cada condenado pelo Ministério do Amor, morre em Winston o tradutor e, com ele, a linguagem em seu potencial libertador.

Referências

CHANUT, Maria Emília Pereira. “A tradução ética em ‘A Prova do Estrangeiro’”. **Criação & Crítica** 9, p. 161-173, nov. 2012. Disponível em <http://www.revistasusp.br/criacaoecritica>. Acesso em 17/12/2021.

CRICK, Bernard (ed.), **George Orwell: Nineteen Eighty-Four with a Critical Introduction and Annotations**. Oxford: Clarendon Press, 1984.

ORWELL, George. **1984**. Tradução: Bruno Gambarotto; Apresentação: Rita von Hunty. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2021.

_____. **1984 (edição especial)**. Tradução: Alexandre Hubner e Heloisa Jahn; Apresentação e organização: Marcelo Pen. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICOEUR, Paul. O paradigma da tradução. **Sobre a tradução**. Tradução: Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RODDEN, John (ed.). **The Cambridge Companion to George Orwell**. Cambridge, New York, Melbourne, Madrid, Cape Town, Singapore, São Paulo: Cambridge University Press, 2007.